

FHC adia apresentação ao Congresso

Partidos aliados pressionaram para evitar desgaste nas eleições do próximo domingo

Christiane Samarco e Vicente Nunes
de Brasília

O presidente Fernando Henrique decidiu atender o apelo de seus aliados e adiou para a semana que vem — após as eleições — a reunião que faria hoje com os líderes governistas para apresentar o pacote fiscal. Desde que anunciou a divulgação das medidas para o dia 20, há duas semanas, o presidente começou a receber pressões dos aliados que disputam o segundo turno nos estados e não queriam ser prejudicados por medidas impopulares do governo.

O encontro desta quarta-feira foi marcado pelo presidente em resposta a cronograma do ajuste que ele próprio tornou público na tentativa de acalmar o mercado financeiro e conter a evasão de capitais. Diante da inconveniência eleitoral, ele acertou com os líderes que a reunião seria apenas para apresentar as “linhas mestras” do ajuste, sem dar publicidade às medidas. O pacote só

seria fechado depois da consulta aos governadores eleitos no dia 25.

“Reunir para fazer mise-en-scène a uma altura dessas só serviria para produzir desgaste”, disse o líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE). De volta a Brasília depois da visita de apoio da cúpula pefelista ao candidato do PPB ao governo de São Paulo, Paulo Maluf, o líder desembarcou anunciando o telefonema que daria a Fernando Henrique. “Vou propor que ele adie a reunião, porque nada pode ser feito antes do segundo turno”, antecipou.

O argumento foi mais político do que eleitoral. Inocêncio sustentou a tese de que o povo está maduro para entender que o governo precisa tomar posições “duras” em defesa do País, mas que o melhor seria acertá-las antes com os líderes aliados e os

governadores eleitos. “É preciso ouvir, inclusive para dividir responsabilidades”, disse. “Se o presidente telefonar para cada governador e antecipar as medidas, terá aliados comprometidos com o ajuste”.

Ainda de manhã, foi a vez do líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG), fazer sua defesa do adiamento.

“Não há como mobilizar o Congresso esta semana, porque temos eleições em 13 estados”, insistiu em conversa telefônica com o presidente,

lembrando que ele próprio não poderia deixar Minas por conta da briga pelo Palácio da Liberdade com o PMDB de Itamar Franco.

Diante das ponderações de que o mercado financeiro poderia reagir mal ao adiamento, Inocêncio argumentou que, mais importante do que

a pressa na apresentação do pacote são as articulações políticas para garantir a aprovação das medidas. “O mercado já sabia desde o início que o pacote só seria divulgado na semana que vem”, resumiu o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Além do ajuste, também será adiado o envio ao Congresso da nova proposta orçamentária para 1999, previsto para o dia 27. “Conversei com o Paulo Paiva (ministro do Planejamento) e ele me disse que a nova versão do Orçamento só virá em 3 de novembro”, contou o senador Antônio Carlos. Os cortes que ajustam o Orçamento à crise financeira mundial é tão fundamental para o governo quanto o ajuste fiscal. Mas a semana perdida torna impossível o cumprimento do cronograma acertado com as oposições, para concluir a votação do Orçamento de 1999 até 15 de dezembro, quando se encerra o ano legislativo.

Para ACM, mais importante do que não decepcionar o mercado é garantir a rápida aprovação das medidas no Congresso